

A TRILHA DA RESERVA PATAXÓ DA JAQUEIRA COMO INSTRUMENTO DE EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL PARA ESTUDANTES DE NÍVEL MÉDIO

Deisiane Barreto Ribeiro¹

Ana Cristina de Sousa²

Thyane Viana da Cruz³

André Búrigo Leite⁴

Vitor Vulga dos Santos⁵

¹Pós-graduanda em Ciência e Tecnologia Ambiental no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus Porto Seguro / BA. Docente da Universidade do Estado da Bahia (deisetur@hotmail.com)

²Doutora em Ciências Sociais. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus Porto Seguro / BA (anacris@ifba.edu.br)

³Doutora em Ciências Agrárias. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus Porto Seguro / BA (thyanecruz@ifba.edu.br)

⁴Mestre em Engenharia Ambiental. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus Porto Seguro / BA (andreburigo@ifba.edu.br)

⁵Licenciando em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus Porto Seguro / BA. Indígena da Reserva Pataxó da Jaqueira (vulgavitor@hotmail.com)

RESUMO

As atividades realizadas em ambiente externo à sala de aula têm sido cada vez mais comuns nas escolas, onde o professor pode unir os conhecimentos adquiridos em sala com a prática em outros espaços educativos. O presente trabalho teve como objetivo avaliar o potencial para educação socioambiental da Reserva Indígena Pataxó da Jaqueira, mediante a realização de uma análise sobre as contribuições que uma das trilhas da Reserva da Jaqueira possui para educação e interpretação socioambiental sob o olhar de estudantes de nível médio. Os alunos puderam vivenciar elementos ligados à educação socioambiental a partir da realização de um roteiro turístico que envolveu palestra informativa, visita ao viveiro de mudas e ao Kijeme do Pajé, caminhada pela Trilha da Lagoa Seca, entre outras atividades. Os procedimentos metodológicos envolveram a abordagem mista (qualitativa e quantitativa) com o preenchimento de questionários direcionados aos alunos sobre o local visitado, revisão bibliográfica, pesquisa de campo, levantamento fotográfico e tabulação dos dados obtidos através do questionário. Os dados gerados apontaram que os alunos foram capazes de identificar diversos elementos ligados à educação socioambiental e, principalmente, tiveram a percepção do quão importante é para sua formação a realização de atividades que envolvam ambientes externos. Evidenciou-se que a Reserva possui grande potencial para a realização de roteiros voltados para a educação socioambiental, não apenas para atender a demanda de visitantes que já possuam esse perfil, mas para despertar em outros o interesse por esta atividade cultural e ecologicamente referenciada. Como sugestão, o trabalho sinaliza sobre a possibilidade de ajustes no planejamento de visita para atender as demandas específicas de formação acadêmica de alunos da região, o que contribuiria para potencializar a atividade turística na Reserva.

Palavras-chave: Meio ambiente, trilhas, reserva indígena, educação socioambiental.

ABSTRACT

The activities carried out outside the classroom have been increasingly common in schools where the teacher can unite the knowledge acquired in the classroom with the practice in other educational spaces. The objective of this study was to evaluate the potential for socioenvironmental education of the Jaqueira Pataxó Indigenous Reserve through an analysis of the contributions that one of Jaqueira Reserve 's trails has for education and socio - environmental interpretation under the eyes of middle - level students . The students were able to experience elements related to socio-environmental education through the realization of a tourist itinerary that involved an informative lecture, a visit to the seedling nursery and the Pajé Kijeme, a walk along the Lagoa Seca Trail among other activities. The methodological procedures involved the mixed approach (qualitative and quantitative) with the completion of questionnaires addressed to the students about the place visited, bibliographic review, field research, photographic survey and tabulation of the data obtained through the questionnaire. The data generated showed that the students were able to identify several elements related to social and environmental education and mainly they had the perception of how important it is for their formation to carry out activities involving external environments. It was evidenced that the Reserve has great potential for the realization of itineraries aimed at social and environmental education not only to meet the demand of visitors who already have this profile but to awaken in others the interest for this cultural and ecologically referenced activity. As a suggestion the paper points out the possibility of adjustments in the planning of visitation to meet the specific demands of academic formation of students of the region which would contribute to potentiate the tourist activity in the Reserve.

Keywords: Environment, trails, indigenous reserve, socio-environmental education

INTRODUÇÃO

O Município de Porto Seguro, localizado na região do Extremo Sul do Estado da Bahia, possui um forte apelo histórico, cultural e ambiental em função da profusão de atrativos turísticos com essas características. Considerada a “Terra Mãe do Brasil”, a cidade engloba várias aldeias de indígenas da etnia Pataxó, que se estendem pelos municípios vizinhos de Santa Cruz Cabrália e Eunápolis, configurando a denominada Costa do Descobrimento (MARQUES, 2014).

Dentre as principais aldeias desse território da Costa do Descobrimento, podem-se destacar 04 (quatro) em Santa Cruz Cabrália (Coroa Vermelha, Juerana, Jaqueira e Mata Medonha) e 08 (oito) em Porto Seguro: Aldeia Velha, Boca da Mata, Meio da Mata, Aldeia Nova, Pé do Monte, Imbiriba, Guaxuma e Barra Velha, esta última considerada “Aldeia Mãe”, por terem seus descendentes originados as demais (MARQUES, 2014).

Para esta pesquisa, o foco de atuação foi direcionado para a Reserva Pataxó da Jaqueira (RPJ), integrada ao território indígena da Aldeia de Coroa Vermelha. A Reserva faz parte da Área de Preservação Ambiental (APA) de Coroa Vermelha, de Santa Cruz de Cabrália, segundo decreto estadual de criação nº 2.184 de 07 de junho de 1993, e tem uma importância significativa para a região por possuir características de preservação ambiental e fortalecimento cultural indígena (CASTRO, 2008).

A RPJ caracteriza-se como um importante capital simbólico e cultural para o povo Pataxó, além de ser um dos principais atrativos culturais e turísticos da região. Seu território abarca um precioso remanescente de Mata Atlântica, o que o torna interessante para turistas de todo o mundo, que ainda passam a ter a oportunidade de entrar em contato com aspectos diversos da cultura indígena. A conjunção entre cultura e ambiente são atributos que conferem à RPJ um espaço privilegiado para a visitação e

desenvolvimento de projetos de diferentes matizes, que vão da cultura à sustentabilidade, o que é expresso e defendido por sua comunidade.

Tais particularidades foram determinantes para a definição do objeto desta pesquisa, qual seja, a análise da trilha da RPJ como instrumento de educação socioambiental para estudantes de nível médio. A trilha escolhida para análise foi idealizada e implementada pelos indígenas que residem na RPJ. Por trilha entende-se que é basicamente um percurso no qual o visitante pode desfrutar de áreas naturais, e nesse caso também culturais, de maneira organizada e segura, possibilitando a sua preservação da mesma (DIAS e QUEIROZ, 1997).

Esse trabalho fundamenta-se na utilização de dados extraídos de órgãos oficiais ligados a meio ambiente e educação ambiental (tais como o Ministério do Meio Ambiente e suas diversas secretarias), na referência a autores relacionados aos conceitos de trilhas interpretativas (DIAS e QUEIROZ, 1997), à Educação Ambiental/Socioambiental (BUCK e MARIN, 2005) e dados específicos do local estudado, provenientes do Plano Municipal de conservação e recuperação da Mata Atlântica de Porto Seguro (MARQUES, 2004) e de dissertação de mestrado sobre a RPJ (CASTRO, 2008).

A escolha do objeto de estudo decorre do reconhecimento do significado histórico, cultural e ambiental da RPJ, tendo como objetivo avaliar o potencial para educação socioambiental na Reserva, mediante a realização de um diagnóstico sobre as contribuições que uma das Trilhas da Reserva da Jaqueira possui para educação e interpretação socioambiental sob o olhar de estudantes de nível médio.

FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E INTERCULTURALIDADE

A legislação brasileira, através de inúmeros documentos oficiais ligados à educação e ao meio ambiente trata a educação ambiental como importante ferramenta para a construção de conhecimento. De acordo com o art. 2º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, pode-se entender a educação ambiental como uma "[...] atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos" (BRASIL, 2012).

A educação ambiental tem sido uma vertente bastante importante para difusão do conhecimento em sala de aula. Ela busca proporcionar ao aluno uma visão holística do meio no qual o mesmo está inserido e cria mecanismos para uma possível reflexão sobre o assunto. De acordo com Loureiro (2004, p.12), educação ambiental pode ser entendida como:

uma perspectiva que se inscreve e se dinamiza na própria educação, formada nas relações estabelecidas entre as múltiplas tendências pedagógicas e do ambientalismo, que têm no "ambiente" e na "natureza" categorias centrais e identitárias.

Estabelecer uma reflexão crítica sobre a temática da educação ambiental é uma tarefa fundamental a ser desenvolvida em sala em aula. O fato dos problemas ambientais

estarem direta e indiretamente ligados à atividade humana requer a compreensão do ambiente como o lugar onde se faz a história, como ambiente histórico e social, uma vez que o homem tem grande parcela de responsabilidade sobre a crise ambiental que vivemos. A educação ambiental deve, portanto, abranger de forma integrada os aspectos ambientais em diálogo com os sociais, culturais e econômicos; o que tem levado o termo "educação socioambiental" a ser utilizado para debater as responsabilidades e as consequências das ações do homem em relação a todos esses setores. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, a educação socioambiental "está ligada a ações que respeitam o meio ambiente e a políticas que tenham como um dos principais objetivos a sustentabilidade" (BRASIL, 2009).

De acordo com Dickmann (2010, p.23), das teorias e conceitos que envolvem o conhecimento socioambiental, podem-se destacar alguns elementos como:

(i) a compreensão do meio ambiente como inter-relacional e interdependente; (ii) o reconhecimento do mundo a partir de princípios fundamentais da vida (ecológicos) e das leis-limite da natureza (entropia); (iii) a compreensão unitária da vida na Terra, interligada por redes biológicas e sociais; (iv) o entendimento da problemática socioambiental, a partir de suas múltiplas dimensões e de sua complexidade e, daí, o princípio da incerteza; (v) a sustentabilidade ambiental orientada por novos valores e saberes, articulados pela interdisciplinaridade. Do ponto de vista dos fundamentos da metodologia: (i) a visão sistêmica e relacional das questões socioambientais; (ii) o raciocínio sob o enfoque crítico-social na perspectiva histórica e das interrelações presentes; (iii) a reflexão sobre unidade e diversidade do Planeta; (iv) e gerar uma nova capacidade cognitiva – crítica e criativa, em prol da sustentabilidade socioambiental.

Em suma, entende-se que a educação socioambiental é um tema transversal que abrange diversos segmentos importantes para a vida em sociedade. A relação das ações do homem com o meio no qual ele vive provoca reações que devem ser refletidas e questionadas a partir de um enfoque crítico. Esses debates devem, acima de tudo, propor soluções para os possíveis problemas existentes.

Tais reflexões podem ser realizadas de várias formas, começando, principalmente, pela sala de aula. A escola deve ser um espaço para a construção de um conhecimento crítico acerca dessa temática, visto que faz parte do conteúdo de várias disciplinas que são obrigatórias no currículo escolar.

Outro aspecto relevante a ser ressaltando quanto à particularidade desta pesquisa refere-se à pertinência do diálogo a ser estabelecido quanto à Educação Ambiental e a interculturalidade, conferindo à intervenção realizada uma estratégia enriquecedora para a aplicação da Lei 11.645/08, que torna obrigatório o estudo da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, público e privado.

A necessidade de desenvolvimento de políticas de reparações, de reconhecimento e valorização, bem como de ações afirmativas subjacentes à legislação vigente requer estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, como forma de superar as desigualdades étnico-raciais e culturais presentes em todos os níveis de ensino de nossa sociedade. Expandir as possibilidades de interação dos alunos com diversos contextos culturais e grupos étnicos é um dos grandes desafios das políticas educacionais a serem desenvolvidas na contemporaneidade. Nesse contexto, a RPJ configura-se como um

espaço privilegiado para a concretização desse diálogo, particularmente no que se refere ao refinamento do olhar sobre as comunidades indígenas.

Contribuições da educação socioambiental para a formação educacional

A educação socioambiental é um tema debatido nas escolas, principalmente por ser uma preocupação atual para a qualidade de vida em sociedade. A partir do momento em que a escola se preocupa em associar temas do currículo escolar com a realidade que a cerca, a construção do conhecimento se torna algo importante para o convívio do aluno como cidadão em uma sociedade.

As questões ligadas ao meio ambiente começaram a surgir como uma variável para o processo educativo a partir da Conferência de Estocolmo, em 1972. Aparecendo, primeiramente, como área de estudos das ciências naturais, a educação ambiental foi, gradativamente, sendo considerada elemento primordial para uma educação voltada à participação e resolução ativa dos problemas vivenciados pelas sociedades (BUCK e MARIN, 2005).

No que se refere ao Brasil, temos um capítulo da Constituição Federal, de 1988, dedicado a questões ambientais, onde a educação ambiental é tratada como um importante instrumento da Política Nacional de Meio Ambiente. Fica evidenciado que cabe ao poder público a sua promoção em todos os níveis de ensino. Entretanto, o que se observa, deste então, é o início tímido de um movimento de governos estaduais e municipais no sentido de perceber a necessidade de transformar a questão da educação ambiental em uma prioridade para as suas administrações (BUCK e MARIN, 2005).

A preocupação com tais questões continua, em grande medida, restrita ao papel e ao discurso, distante da implementação efetiva de medidas para a sua execução. O que exige da sociedade civil a cobrança e vigilância para que políticas públicas venham a ser efetivadas para a solução de problemas ambientais e que tais discussões estejam presentes nas estruturas curriculares de nossas escolas. Apenas com a análise crítica das questões ambientais e sua inserção nos espaços acadêmicos é que mudanças de mentalidades poderão vir a subsidiar um convívio mais racional com o ambiente, minimizando os impactos e revertendo danos já causados.

A preocupação com a qualidade de vida fez com que a problemática ambiental desafiasse os educadores da atualidade a buscar, em suas práticas pedagógicas, caminhos por meio dos quais se possam formar gerações ecologicamente mais sensíveis. Essa tarefa pode se tornar mais prazerosa quando as temáticas que estão ligadas à educação socioambiental, além de serem debatidas em sala de aula, também estejam ligadas à realidade. Isso se torna possível a partir do momento em que o educador tem a percepção de levar os alunos a perceber o ambiente externo com um olhar diferenciado.

Um exemplo desse tipo de metodologia relaciona-se às aulas práticas, que tem o objetivo de proporcionar ao aluno uma vivência com o que foi debatido teoricamente em sala de aula. E foi exatamente este o recurso metodológico escolhido para a intervenção na Reserva da Jaqueira, uma vez que, através de uma visita técnica, os alunos puderam vivenciar e constatar quais foram as contribuições desta prática para as suas percepções sobre educação socioambiental, bem como tiveram a oportunidade de ampliar suas visões sobre ambiente e cultura, numa perspectiva intercultural.

A interpretação ambiental a partir da vivencia prática

As áreas naturais protegidas por lei, como é o caso da RPJ, oferecem oportunidades únicas para a aproximação das pessoas com o meio ambiente, aliando conhecimento, reflexões, desafios, curiosidades e noção de pertencimento, o que auxilia o cumprimento dos objetivos da educação ambiental e da conservação da natureza (VASCONCELLOS, 2006).

A RPJ, como já pontuado, possui roteiros turísticos que são organizados e compostos por trilhas interpretativas e outros elementos da cultura indígena que são excelentes instrumentos para fomentar o conhecimento histórico, social e ambiental da localidade. Para que nossas análises sejam mais bem fundamentadas torna-se necessário, contudo, expor conceitualmente os termos “roteiro” e “trilha”, para esclarecer as análises realizadas. Roteiro turístico pode ser entendido como "um itinerário caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística" (BRASIL, 2007). Por trilha pode-se entender que é um percurso no qual o visitante pode desfrutar de áreas naturais de maneira organizada e segura que possibilite a preservação da mesma (DIAS e QUEIROZ, 1997). De acordo com a Política Nacional de Educação Ambiental, instituída por meio da Lei Federal nº 9.795 de 1999, as trilhas são importantes instrumentos de educação, interpretação, comunicação e conscientização ambiental (BRASIL, 1999). Contudo, toda e qualquer trilha realizada com o intuito ambiental, deve ser planejada e organizada para esse princípio, evidenciando os elementos e aliando os mesmos a reflexões socioambientais.

A interpretação ambiental possui elementos importantes que são visualizados a partir da realização de uma trilha, o que pode contribuir de forma significativa para o aprendizado do ser humano em relação ao seu meio. A interpretação ambiental, por sua vez, pode ser entendida como "Uma atividade educativa que se propõe revelar significados e inter-relações por meio de uso de objetos originais, do contato direto com os recursos e de meios ilustrativos, em vez que simplesmente comunicar informação literal" (TILDEN, 1977, p.34).

De acordo com as diretrizes para visitação em Unidades de Conserva o (UC) (BRASIL, 2006, p.17), esse modelo de visita o deve "Utilizar as diversas técnicas da interpreta o ambiental como forma de estimular o visitante a desenvolver a consciência, a aprecia o e o entendimento dos aspectos naturais e culturais [...]". O que leva a entender que a jun o entre a educa o socioambiental e a realiza o de trilhas tem um papel fundamental na forma o educacional do ser humano.

A trilha interpretativa   um ótimo instrumento educativo dentro de áreas de Preserva o Ambiental (APA), pois   através dela que o visitante pode se sensibilizar, observar e compreender elementos, fen menos e inter-rela oes do meio natural. A implanta o dessas trilhas tem contribuído de modo significativo para a educa o ambiental, aproximando os seres humanos a vivências essenciais   sua forma o.

A presença de elementos naturais e culturais em trilhas pode ser observada e aproveitada a partir do que se pretende oferecer metodologicamente em rela o às teorias, principalmente aquelas vistas em sala de aula por estudantes de vários níveis de ensino. Contudo,   importante que o conteúdo abordado nas trilhas Interpretativas seja planejado de forma que aborde diferentes temáticas objetivando a interdisciplinaridade (MARCUIZZO *et al.*, 2015).

A prática de metodologias de ensino diversificadas proporciona uma aprendizagem significativa aos estudantes e a utilização de trilhas interpretativas é uma dessas metodologias, onde os estudantes se mostram motivados, empolgados e atenciosos, pois esse procedimento metodológico de ensino une a prática à teoria.

Os resultados da utilização de trilhas interpretativas demonstram que estas são capazes de ampliar a capacidade de observação e reflexão, possibilitando a transmissão de conhecimento, a sensibilização e a conscientização para os problemas ambientais. De acordo com esse autor, o ambiente natural é um instrumento facilitador da aprendizagem de conceitos teóricos diversos, sendo positivo viabilizar o contato dos educandos com as Unidades de Conservação (BEDIM, 2004).

A RESERVA DA JAQUEIRA SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL

A Reserva começou a ser "constituída" em 1997 pelas irmãs Pataxó Nitynawã, Jandaya e Nayara, então residentes em Coroa Vermelha. É composta por 827 hectares de Mata Atlântica, demarcados e homologados como terra indígena segundo dados do Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica de Porto Seguro / Bahia (PMMA). A Reserva começou a receber turistas em 1998, a partir do projeto criado pelas irmãs, com o objetivo de promover a revitalização, a afirmação e a valorização da cultura pataxó.

No passado, toda a região da Costa do Descobrimento fora habitada por indígenas, sendo a atual Reserva um dos lugares de ocupação tradicional dos Pataxó. Atualmente nesse espaço residem cerca de 32 (trinta e duas) famílias indígenas, que vivem basicamente da renda obtida através da venda de artesanato e da visitaçõ de turistas.

O nome do local, segundo a liderança Nitynawã, se deve a uma analogia da história indígena Pataxó com a de um pé de jaca. Segundo a narradora, o pé de jaca tombou com o vento no local e brotou novamente, dando novos frutos. Para os Pataxó é como se a jaqueira fosse a sua própria cultura, que ficou adormecida e germinou de novo. Esta simbologia tem relação direta com os desafios encontrados pelo povo Pataxó ao longo do tempo, com as estratégias de manutenção e fortalecimento cultural em face aos constantes ataques e violações a que foram historicamente submetidos. Nesse sentido, a Reserva representa um importante símbolo de resistência para o povo indígena, um ponto de encontro com sua ancestralidade, seus valores, com as formas de interação com a natureza e com o humano e, principalmente, de fortalecimento para a luta de sobrevivência étnico-cultural.

Os indígenas que moram na Reserva, com o intuito de a organizarem para a implementação de projetos que visem o fortalecimento cultural e desenvolvimento da comunidade, montaram a Associação Pataxó de Ecoturismo (ASPECTUR), que passou a fazer a gestão das atividades ligadas à visitaçõ turística. Por meio da Associação, o local que já abriga rica biodiversidade preservada e crescente, passou a abrigar ações relacionadas ao ecoturismo/etnoturismo, plano de manejo para a piaçava, projeto cerâmica Pataxó, área de estudos etnoculturais, ambientais, levantamento de flora e fauna e grande potencial de turismo especializado como observaçõ de pássaros, árvores, dentre outras ações (MARQUES, 2014).

A Reserva, geralmente, fica aberta para visitaçõ de segunda a sábado das 09h às 17h. Os roteiros ligados ao Etnoturismo são vários e tem tempo médio de 2 a 3 horas de

duração. Independente do roteiro escolhido, todos são constituídos por uma palestra (ca. 20 minutos) que relata a história do povo Pataxó (suas origens, cultura, história, lutas, etc.), seguida da caminhada nas trilhas que incluem vários pontos de parada para visitação, como: réplicas de armadilhas de caça montadas na mata; habita o típica; viveiro de mudas de plantas e, com destaque, a habita o do Pajé que conversa com os visitantes sobre a utiliza o das plantas medicinais. Ao longo dos percursos, os visitantes são acompanhados por um monitor indígena que detalha os aspectos culturais e ambientais mais relevantes. Além dos passeios pelas trilhas, a recep o inclui a possibilidade dos turistas aprenderem sobre pintura corporal (e de serem pintados), degustarem pratos (como o peixe na folha da patioba) e bebidas (como o cauim, bebida alcoólica feita a partir da mandioca) típicas do povo. Um espaço para exposi o e venda de artesanato t pico compõe as op es de demonstra o dos diversos aspectos culturais dos Pataxó, ajudando a comunidade com a receita necessária para a sua manuten o.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado na RPJ que está situada no Extremo Sul do Estado da Bahia, a 720 Km da capital Salvador (BR 101), a 15 Km ao norte da cidade de Porto Seguro e a 8 Km ao sul da cidade de Santa Cruz Cabrália (BR 367). Ela compõe uma das glebas da Terra Indígena (TI) Coroa Vermelha (Figura 1), localizando-se próximo   BR 367.

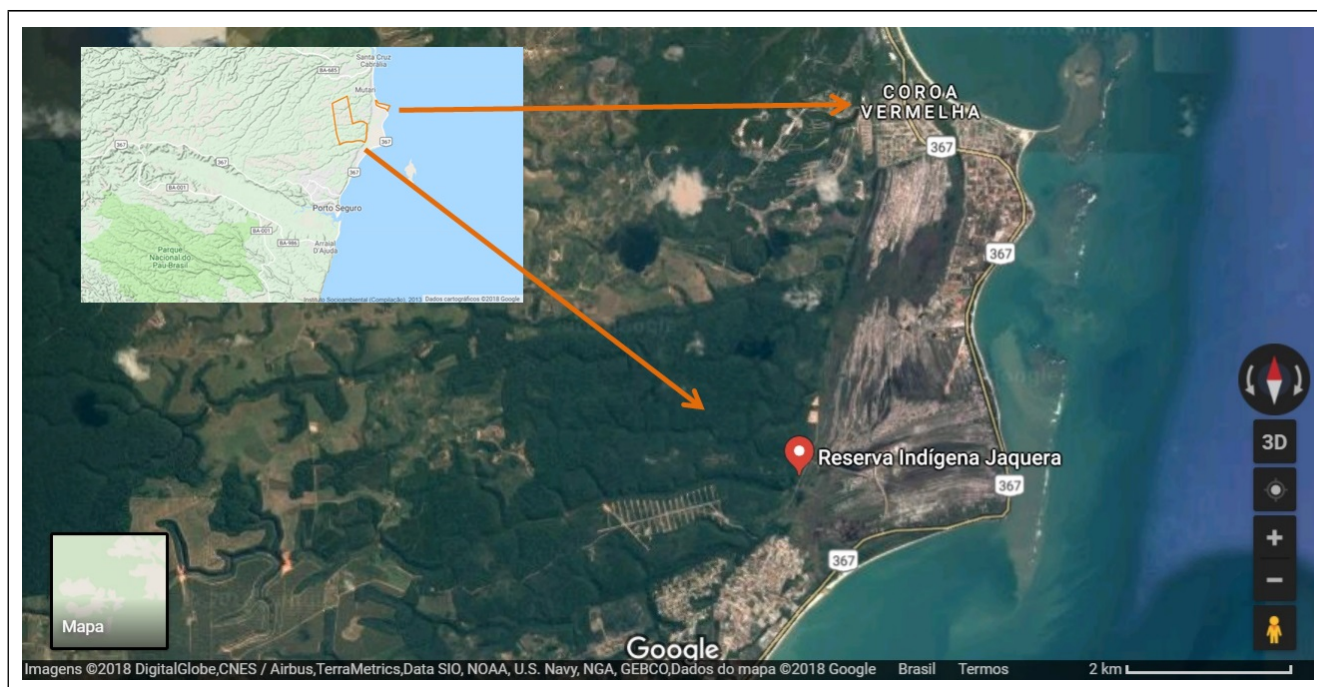


Figura 1: Terra Indígena Coroa Vermelha, com identifica o das glebas referentes   Reserva Indígena Pataxó da Jaqueira e   ocupa o urbana em Coroa Vermelha, junto   praia.
Fontes: <https://terrasindigenas.org.br/en/terras-indigenas/3651> e GoogleEarth, 2018.

Foi utilizada para esta pesquisa a abordagem mista que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa no mesmo trabalho. Como são duas abordagens com características adversas, elas se combinam de forma que uma prevalecerá sobre a outra

ao mesmo tempo em que podem se complementar na apresentação de resultados (CRESWELL, 2007).

Quanto ao objetivo, define-se como de caráter exploratório descritivo, que segundo Gil (2008, p.48) "proporciona maior familiaridade com o problema e descreve as características de determinadas populações ou fenômenos." Uma das peculiaridades desse tipo de pesquisa está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (como os questionários).

Em relação aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa com *survey*, que pode ser referida como sendo "a obtenção de dados sobre as características ou as opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, utilizando um questionário como instrumento de pesquisa" (FONSECA, 2002, p. 33).

A pesquisa foi caracterizada por uma etapa prévia para o amadurecimento da proposta, que correspondeu a uma visita à comunidade da Jaqueira, em 16 de maio de 2017, para apresentação da ideia de intervenção às lideranças indígenas. Nesta oportunidade, em conversa com o Cacique Siratã e a Liderança Nitynawã, a proposta foi discutida e adequada a partir das contribuições e interesses destes, o que resultou na obtenção do Termo de Anuência Prévia (TAP) para a realização do trabalho (Figura 2a). Com esta aprovação, tornou-se possível dar início à pesquisa e definir os demais procedimentos metodológicos a serem desenvolvidos, quais sejam: definição do grupo de discentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFBA), Campus Porto Seguro, que participariam da visita técnica; levantamento e análise de fontes secundárias (bibliográficas) acerca do tema e elaboração de um questionário com questões abertas e fechadas a ser aplicado a cada um dos discentes após a visita.

No dia 04 de agosto de 2017, das 13h às 17h, foi realizada a visita técnica na RPJ, com 23 alunos da turma do 1º ano do ensino médio do Curso Integrado em Biocombustíveis do IFBA Campus Porto Seguro (Figura 2b). Os dados qualitativos e quantitativos provenientes da aplicação do questionário foram analisados e interpretados, sendo que para a tabulação dos dados quantitativos foi utilizado o programa Excel da *Microsoft*. Vale registrar que, seguindo a normativa do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFBA, os procedimentos envolveram a obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Consentimento para Uso de Imagem e Som de Voz (TCUISV) dos alunos e/ou responsáveis.



Figura 2: Visitas à Reserva Pataxó da Jaqueira para a realização da pesquisa: para obtenção do Termo de Anuência Prévia (2a) e visita técnica com os alunos do IFBA (2b). Fotos: acervo da equipe de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relatos sobre a visita à Reserva Pataxó da Jaqueira

Participaram dessa experiência 23 alunos, sendo 17 do sexo feminino e 06 do sexo masculino, com faixa etária média entre 15 a 17 anos. A visita foi realizada com a supervisão de três professores do IFBA, que puderam orientar os alunos quanto aos aspectos relacionados à proposta da visita e sobre o questionário (composto por 26 questões objetivas e subjetivas) a ser respondido ao final da experiência.

Os visitantes, ao chegarem à RPJ, foram recepcionados por um monitor indígena que deu as boas vindas e os direcionou para o centro da aldeia. Esse trajeto é feito em meio da Mata Atlântica e dura em média 15 a 20 minutos de caminhada a partir do portão de entrada na Reserva. Na Figura 3 pode-se observar o trajeto realizado durante a visita e os pontos principais de parada. Vale ressaltar que o desenho (etnomapa) foi feito por um dos indígenas que residem na RPJ, Vitor Vulga dos Santos, e que compõe a equipe de colaboradores da pesquisa.

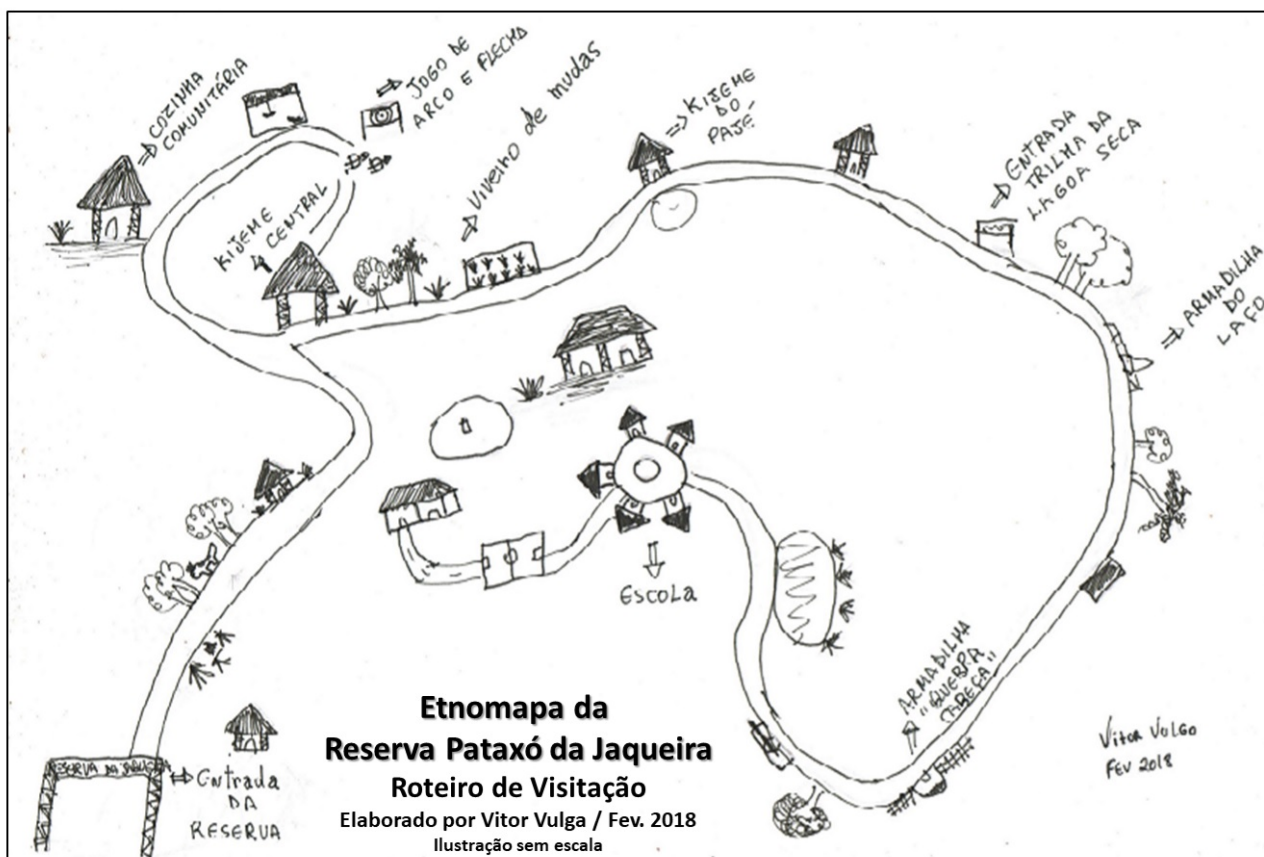


Figura 3: Etnomapa da Reserva Pataxó da Jaqueira com o roteiro de visitação. Fonte: ilustração elaborada por Vitor Vulga, fev. 2018.

Ao chegar ao centro da aldeia, os alunos assistiram a uma palestra informativa no *Kijeme* central, proferida por Nitynawã, uma das lideranças da aldeia (Figura 4a). Nessa palestra, os alunos puderam ouvir um breve relato sobre a história dos Pataxó no Extremo Sul da Bahia, com destaque para fatos importantes como a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, que fica 156 Km ao sul de Porto Seguro, e o "Fogo de 51", um dos mais significativos episódios de resistência e luta indígena, onde uma aldeia foi invadida e incendiada, ao que tudo indica a mando de policiais o que deflagrou um longo período de conflitos e dispersão dos Pataxó pela região como estratégia de sobrevivência ao risco de genocídio. A palestra foi finalizada com um *Awê* e, em seguida, o monitor conduziu os alunos para dar continuidade ao roteiro de visita.

A segunda parada de visita foi no viveiro de mudas de espécies nativas e que são utilizadas pela comunidade para diversos fins, como confecção de artesanatos, alimentação, tratamentos de saúde, bem como o próprio reflorestamento da Mata Atlântica a exemplo das mudas de pau brasil e jacarandá, espécies em risco de extinção. O monitor mostrou todas as espécies existentes no viveiro e explicou qual a utilização de algumas ervas na medicina tradicional indígena (Figura 4b).



Figura 4: Palestra informativa (4a) e viveiro de mudas (4b). Fotos: acervo da equipe de pesquisa.

Em seguida, os alunos passaram pelo *Kijeme* do Pajé (Figura 5), onde conheceram um pouco sobre as principais ervas medicinais utilizadas pelos Pataxó e como se dá a utilização delas. O Pajé convidou os alunos para conhecer o interior do seu *Kijeme*, onde fez a demonstração de um ritual típico e esclareceu dúvidas quanto à importância de algumas práticas tradicionais.



Figura 5: Entrada do *Kijeme* do Pajé e seu aspecto interior, onde ele fez a demonstração de um ritual Pataxó. Fotos: acervo de uma aluna do IFBA.

Logo após a vivência na habitação do Pajé, os alunos foram encaminhados a outro *Kijeme*, onde o monitor apresentou o repertório material de uma habitação típica Pataxó, com seus móveis e utensílios, aproveitando para narrar com mais detalhes aspectos do cotidiano da comunidade.

Em seguida, deu-se início a outra etapa da visita, na qual os visitantes foram levados a fazer o percurso dentro da mata, na Trilha da Lagoa Seca, com extensão média de 1.160 metros (Figura 6a). Durante o trajeto, dois monitores indígenas acompanharam o grupo e passaram informações sobre as espécies vegetais e animais encontradas na Reserva, além de aspectos relacionados à maneira como os indígenas interagem com a mata e a importância de sua preservação. Ao longo do percurso existiam armadilhas de caça posicionadas para que os visitantes pudessem observar as estratégias de subsistência desenvolvidas pelos indígenas. Em cada parada os monitores explicavam as armadilhas e seus objetivos, simulando o seu funcionamento para a melhor compreensão dos alunos, sempre deixando claro que estes recursos não são mais utilizados na atualidade (Figura 6b).



Figura 6: Entrada da Trilha da Lagoa Seca (6a) e demonstrativo de armadilha indígena durante a realização da trilha (6b). Fotos: acervo de uma aluna do IFBA.

A Trilha da Lagoa Seca possui sinalização e pode ser considerada de nível médio de dificuldade, com tempo médio de percurso de 40 minutos. O que leva à definição de uma trilha como média são os aspectos de intensidade da trilha e o nível técnico dos visitantes ao longo do trajeto, podendo variar durante o percurso a depender da extensão dos trechos, inclinação do terreno, qualidade e obstáculos da trilha (SILVA *et. al.*, 2012).

Esse tipo de classificação é fundamental para orientar o visitante quanto às exigências físicas e psicológicas que lhe serão requeridas. Pode-se considerar que as trilhas classificadas como de curta e média distância apresentam caráter recreativo e educativo, com programação desenvolvida para interpretação do ambiente natural (RODRIGUES e TORVES, 2007).

Ainda em relação à Trilha da Lagoa Seca, um dos monitores indígenas esclareceu que seu nome decorre do fato de que era comum a formação de uma lagoa, em parte de seu trecho, sempre que ocorriam períodos de maior precipitação pluviométrica. Porém, com o passar dos anos, a lagoa secou completamente, fazendo com que a comunidade apenas guarde lembranças dos bons momentos de recreação junto a ela.

Ao término do percurso pela trilha e de volta ao centro da Reserva, os monitores se despediram dos alunos, orientando-os a usufruir um pouco mais dos costumes da comunidade, podendo visitar o *Kijeme* que vende artesanatos típicos, descontrair com o arco e flecha e com os animais, ou ainda fazer pinturas corporais tipicamente indígenas (Figura 7), A tinta utilizada para realização da pintura indígena é feita a partir do líquido retirado do jenipapo (fruta bastante apreciada pelos indígenas), sendo uma tintura temporária, com duração média de 8 a 10 dias.



Figura 7: Indígena Pataxó fazendo pintura típica feminina em uma das alunas visitantes. Foto: acervo de uma aluna do IFBA.

A Reserva Pataxó da Jaqueira sob o olhar socioambiental dos alunos de nível médio do IFBA

Após realização da visita, os alunos responderam a um questionário contendo 26 (vinte e cinco) questões abertas e fechadas sobre a percepção que tiveram com relação aos itens que puderam observar durante o passeio.

Na Figura 8, que apresenta as questões relacionadas às primeiras impressões dos alunos, observa-se que a maioria (61%) não conhecia a Reserva (Figura 8a), sendo que todos (26% bom e 74% ótimo) demonstraram satisfação em relação à visita realizada, visto que nenhum se reportou a ela como regular ou ruim (Figura 8b). Consideraram que os elementos ligados à cultura indígena foram os que mais despertaram a sua atenção (41%). Contudo, os elementos relacionados ao ambiente (fauna e da flora, conjuntamente), atraíram atenção de 59%, apresentando índices de interesse satisfatório (Figura 8c). Entre os itens que foram mais apontados pelos alunos como interessantes estão: o modo de vida dos indígenas, a maneira como se comunicam e as vestimentas.

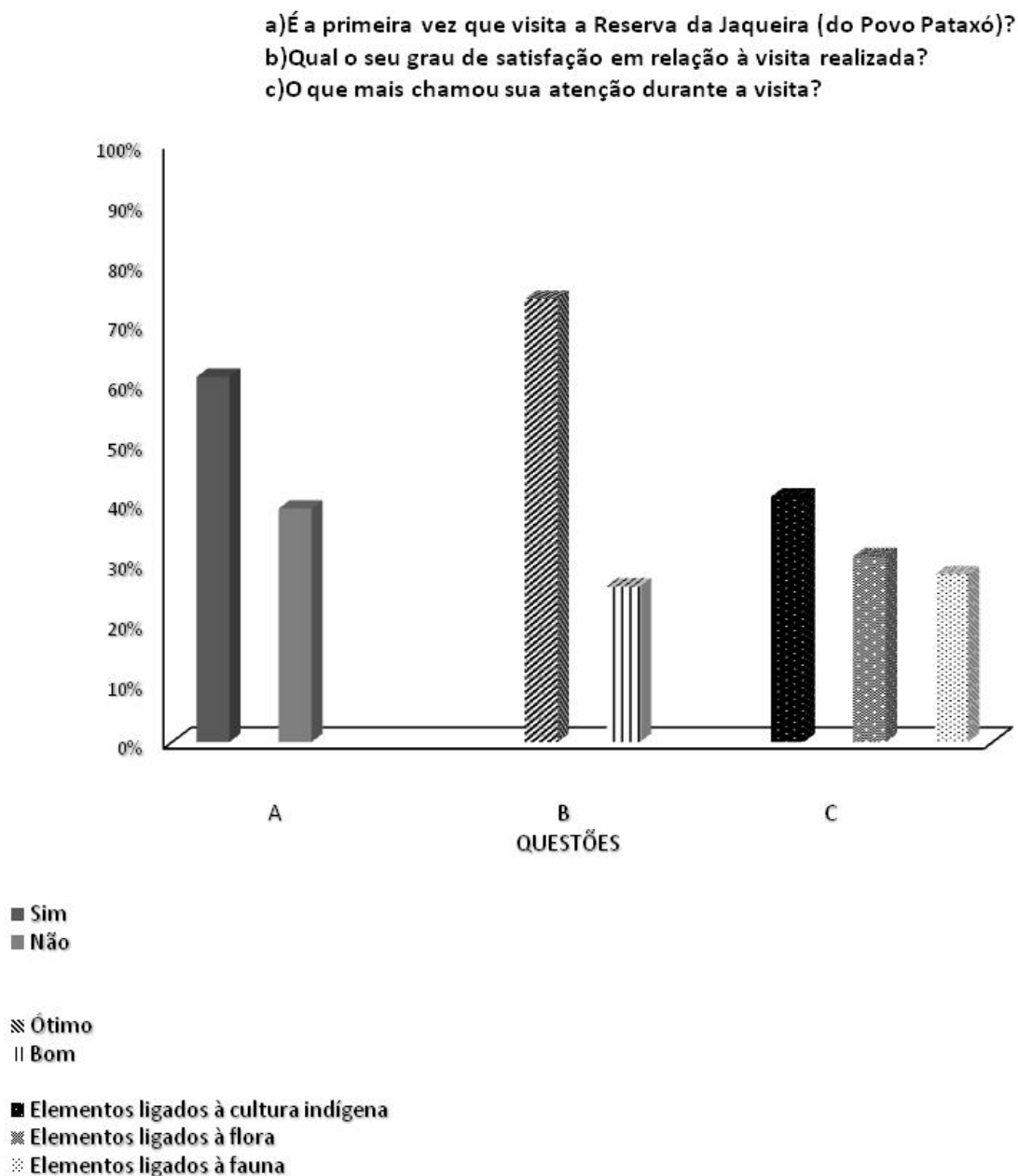


Figura 8. Primeiras impressões dos alunos ao realizar a visita à Reserva da Jaqueira. Fonte: acervo de uma aluna do IFBA.

É notório que a atividade turística faz parte do dia a dia de várias comunidades indígenas do Brasil e do mundo. Algumas que são abertas para visita – como os Kaiapó no sul do Pará, as comunidades do Xingu do Mato Grosso, os Marajoara do Pará, bem como de outros países, como os Māori (Nova Zelândia), Mapuche (Chile), Nevería (México), Wichí (Argentina), Kuna (Panamá), Maracaíbo (Venezuela), dentre outras – vêm desenvolvendo a atividade turística a fim de evidenciar e fortalecer elementos da sua cultura, visto que o visitante, quando busca conhecer esses locais, tem interesse, principalmente, em conhecer a cultura e o modo de vida indígena (NETO, 2014).

Os alunos do IFBA enquadram-se nesta ampla categoria de visitantes que tem interesse em conhecer mais sobre a diversidade cultural, sentindo-se atraídos e encantados pela oportunidade de conviver, mesmo que temporariamente, com uma comunidade tradicional culturalmente tão rica e diferenciada de seus modos de vida urbanizados.

A Figura 9 registra as questões relacionadas às sensações e aos sentidos. Os sentidos são importantes aliados no que se refere a poder vivenciar lugares, pois é a partir deles que o aprendizado prévio em sala de aula pode ser mais bem representado e assimilado com a realidade. Vale ressaltar que as pessoas são capazes de organizar as suas percepções através dos seus sentidos. Ou seja, a sensação, a intuição e o sentimento, envolvem também os processos mentais (percepção/compreensão), a memória e outros aspectos que podem influenciar na interpretação dos dados percebidos por vivências (CARLETTO *et al.*, 2014).

A utilização do olfato, da visão e do tato durante atividades como a realização de trilhas é fundamental para que o visitante possa ter uma vivência melhor do espaço. Sobre os sentidos, Tuan (1980, p.12) afirma que:

As propostas de educação ambiental devem buscar estimular ao máximo a capacidade dos sentidos de seu público, tendo em vista a possibilidade de utilização dos mesmos para a concretização de atitudes comprometidas com o meio ambiente.

Observa-se que os alunos tiveram uma boa percepção auditiva em relação aos sons provenientes da flora e da fauna (Figura 9a), sendo um total de 88% conseguiu identificar entre poucos a vários sons, ao passo que apenas 12% não os identificou. Sons que, na maioria das vezes, não são possíveis de notar ou identificar no dia a dia devido à poluição sonora da cidade. A maioria dos alunos (71%) identificou a mudança de temperatura quando fizeram a trilha em mata fechada, sendo que para alguns o ambiente ficou mais frio e agradável. Boa parte dos alunos (61%) identificou alguma espécie de árvore frutífera, chegando a registrar em suas respostas a existência de coqueiros e jaqueiras, embora a maioria não tenha respondido, sob alegação de que “havia esquecido o nome da árvore”.

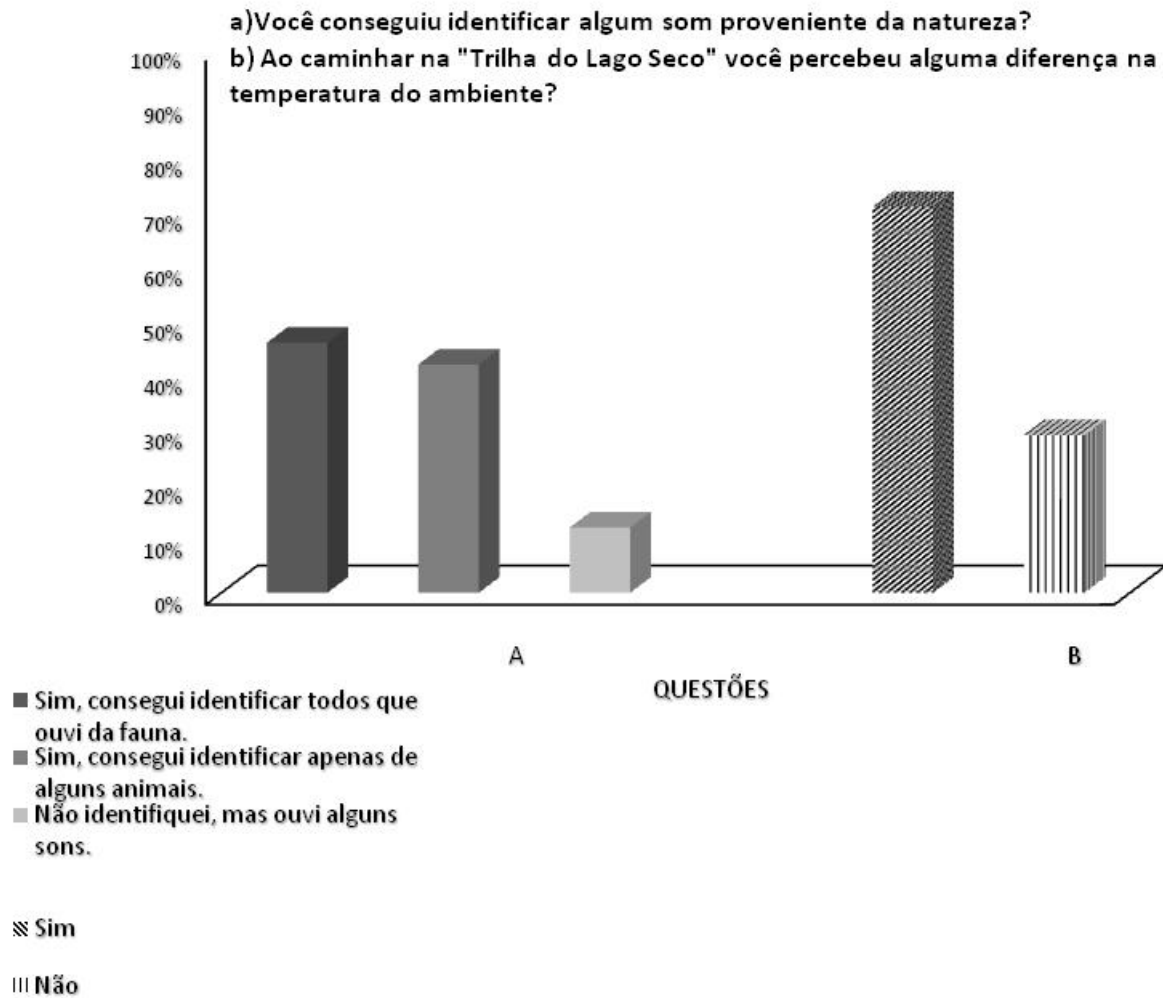


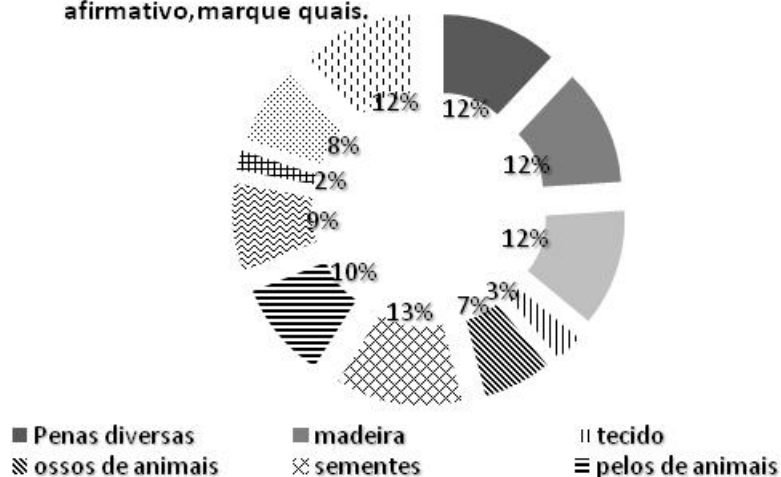
Figura 9: Sentidos e sensações vivenciados pelos alunos, captados através da visão, audição e tato. Fonte: alunos do IFBA.

Em alguns outros contextos de visitação, a utilização de trilhas voltadas para a educação ambiental é uma prática bastante adotada por escolas. Pfeifer *et al.* (2016) utilizou de trilha sensitiva como prática de educação ambiental para alunos de uma escola de ensino fundamental de Palmeira das Missões / RS, explorando sentidos como tato, audição e paladar para promover a prática de Educação Ambiental.

Na Figura 10.1, pode-se notar que os alunos observaram e identificaram quais os elementos da flora e da fauna mais utilizados na confecção dos trajes indígenas, sendo que os itens mais citados são as penas de animais e a madeira. No item "outros", alguns alunos relataram que observaram o uso de couro de animais e de palha (Figura 10.1a).

Foram identificados vários elementos durante o passeio, com destaque para folhas, de diversos tamanhos e formas, e árvores com mais de vinte anos de idade, seguidos das diversas armadilhas utilizadas pelos indígenas e dos diferentes aromas provenientes da flora e da fauna (Figura 10.1b).

a) Você identificou quais os elementos da flora e da fauna que foram utilizados na confecção dos trajes indígenas? Em caso afirmativo, marque quais.



b) Marque com um "X" os elementos que você conseguiu observar durante o passeio (pode marcar quantos itens desejar).

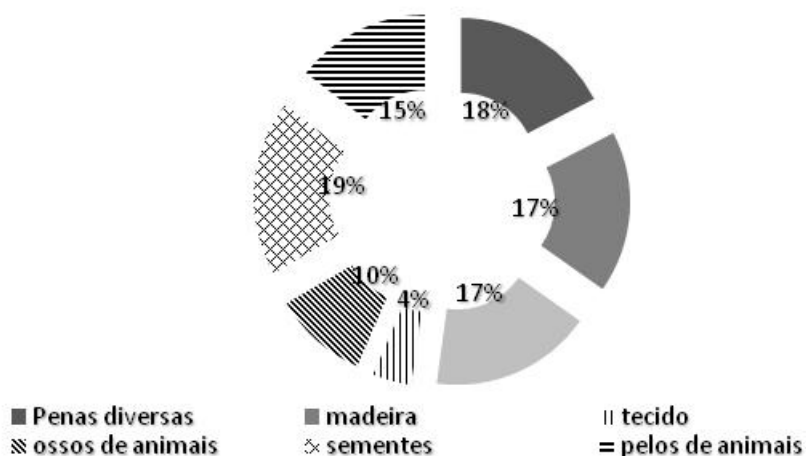


Figura 10.1: Identificação de elementos da natureza utilizados na cultura indígena. Fonte: alunos do IFBA.

Os resultados indicam que os alunos demonstraram ter tido uma boa observação do espaço, ao identificarem importantes elementos ligados ao meio ambiente e à cultura indígena. Este dado corrobora os argumentos de Marcuzzo *et al* (2015), ao considerarem as trilhas como ótimos instrumentos para o desenvolvimento da capacidade de observação e investigação para as pessoas, fazendo-as repensar o seu modo de ver e sentir o mundo.

Quanto à observação de elementos naturais desconhecidos (Figura 10.2c), a maioria dos estudantes (57%) registrou que a visita lhes permitiu observar elementos que nunca tinham visto, sendo que alguns destacaram a presença de alguma espécie de árvore ou erva medicinal. Este aspecto evidencia que, embora envolvidos pela Mata Atlântica, há desconhecimento dos recursos naturais deste bioma e, portanto, de suas espécies endêmicas. Ao serem questionados sobre se seriam capazes de identificar pelo nome alguma espécie animal observada, a maioria destacou a presença de mosquitos,

aranhas, borboletas, formigas, cupim, macacos, pássaros, patos, cachorros e galinhas. Apenas cinco alunos relataram que não observaram nenhum animal durante o passeio.

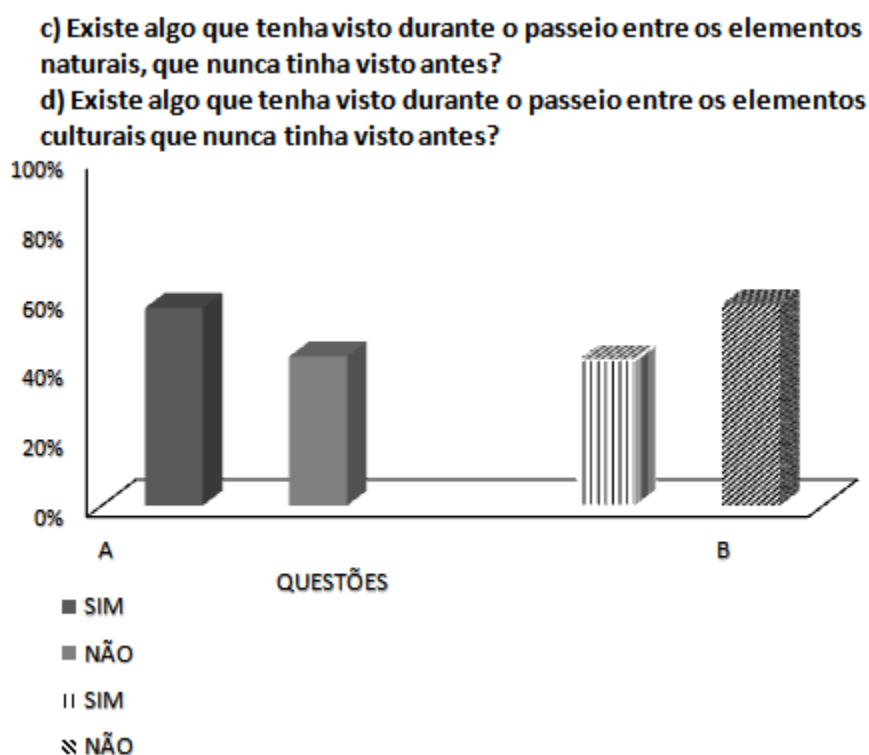


Figura 10.2: Elementos naturais e culturais nunca vistos antes. Fonte: alunos do IFBA.

Sobre os elementos culturais que nunca tinham visto (Figura 10.2d), a maior parte (58%) demonstrou ter certo tipo de familiaridade com o universo cultural indígena, embora alguns tenham destacado como novidade as armadilhas para obtenção de caça, seguido de variedades de artesanatos e danças típicas dos Pataxó. Tal familiaridade, muito provavelmente, deve-se ao fato dos Pataxó costumeiramente participarem de eventos na região, nos quais apresentam elementos culturais, como vestimenta, adornos, instrumentos, cantos, danças e cerimoniais diversos.

A relação estabelecida entre os indígenas e o ambiente, particularmente no que se refere à obtenção de alimentos pela caça, chamou mais a atenção dos alunos, provavelmente, por se tratar de um domínio de acesso mais restrito, viabilizado pela vivência da trilha, o que sinaliza para a sua importância como recurso educacional. Tal aspecto reforça o argumento de Mette et al. (2010), ao utilizarem-se de uma trilha interpretativa dentro da Mata Atlântica de Santa Catarina para aguçar a percepção dos alunos sobre elementos naturais e culturais antes desconhecidos e retratar esse sentimento através de desenhos. Os pesquisadores observaram que o visitante, ao realizar um passeio, tem a intenção de adentrar em um mundo diferente do seu habitual e de experimentar produtos e lugares desconhecidos, até mesmo atitudes diferentes em relação à sociedade e ao meio ambiente. Tal observação reitera nossa percepção, a partir dos dados dessa pesquisa, de que o acesso a domínios relacionados ao cotidiano e à interação com o ambiente exerceu impacto direto sobre os alunos, instigando-lhes maior curiosidade sobre a comunidade indígena e sua relação com a Mata Atlântica.

Observa-se na Figura 11a, que a maioria dos alunos (70%) associou elementos naturais à cultura indígena. Muitos responderam que os itens mais utilizados como elementos culturais são as sementes e as penas, por estarem praticamente presentes em todos os trajes e adornos indígenas.

A natureza das respostas atribuídas às questões relativas à utilização de elementos naturais na construção dos *Kijemes* (Figura 11b) e à origem do nome Trilha da Lagoa Seca (Figura 11c) demonstra que os alunos mantiveram-se atentos às explicações dos monitores, uma vez que parte expressiva respondeu corretamente às questões.

- a) Existe algum elemento natural que tenha visto durante o passeio que é usado como elemento cultural?
- b) Quais dos elementos naturais utilizados para a construção dos *Kijemes* na Aldeia da Jaqueira?
- c) A "Trilha da Lagoa Seca" possui esse nome por qual motivo?

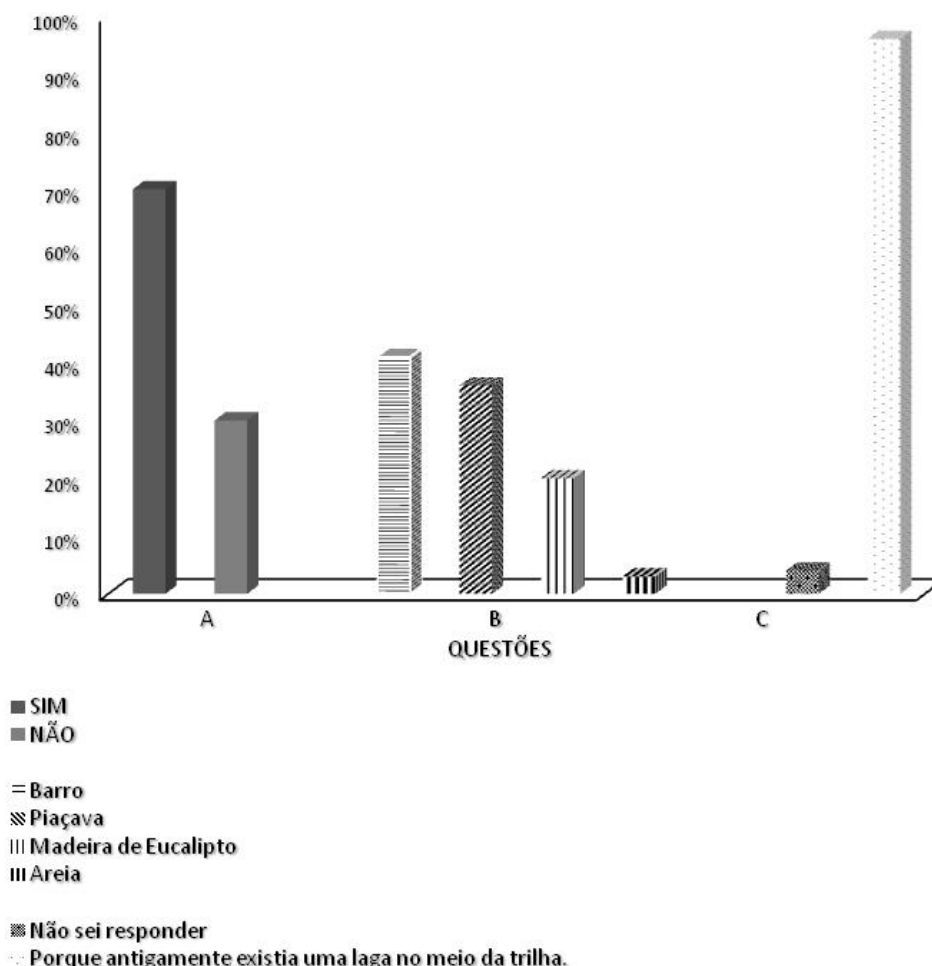


Figura 11: Identificação de elementos culturais vistos durante a visita. Fonte: alunos do IFBA.

A Figura 12 apresenta questões relacionadas à observação sobre a dinâmica e uso dos recursos florestais e representa um indicativo de como a comunidade da Jaqueira consegue articular, de forma sintética, um volume de informações necessárias para que os

visitantes consigam dimensionar a relação cultura e ambiente, mesmo em face da possível limitação de conhecimentos prévios.

A questão referente à presença de vegetação primária ou secundária (Figura 12a) demonstrou que a maioria dos alunos (86%) acertou a resposta ao afirmar que os dois tipos de vegetação compõem a Reserva. Quando questionados sobre a diversidade de mudas no viveiro destinadas ao reflorestamento (Figura 12b), parte expressiva (87%) foi assertiva quanto à dimensão desta diversidade ao informar que mais de 8 espécies estavam representadas. Ao serem levados a responder sobre que partes das plantas têm utilização medicinal pelos indígenas (Figura 12c), a grande maioria (96%) demonstrou ter conhecimento de que todas as partes podem ter potencial de uso, a depender da espécie e finalidade do medicamento a ser elaborado.

- a) Acredita que a trilha visitada possui vegetação primária ou vegetação secundária?
- b) Quantas espécies de plantas possui o viveiro de mudas dentro da Reserva?
- c) Quais as partes das plantas têm utilização "medicinal" para os indígenas?

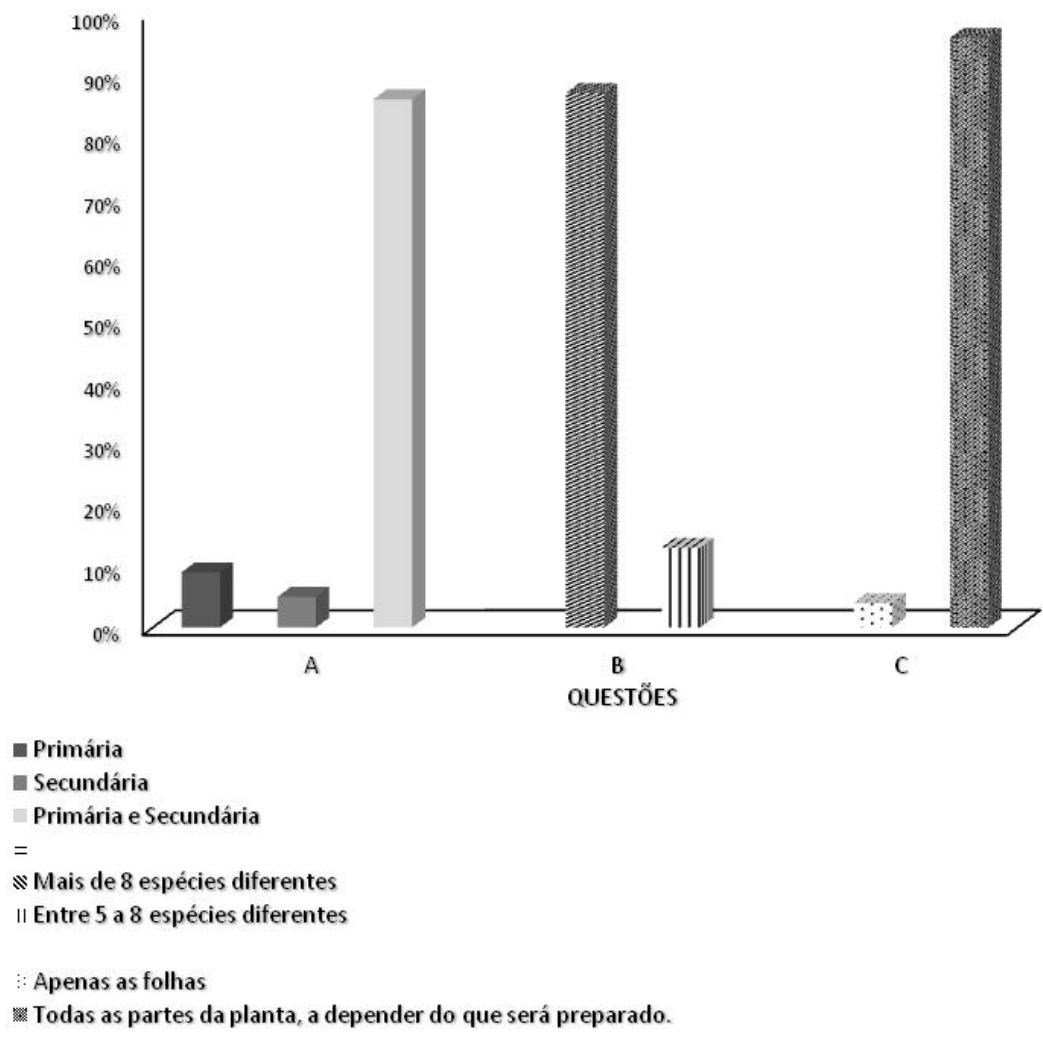


Figura 12: Observação sobre a dinâmica e uso dos recursos florestais. Fonte: alunos do IFBA.

Considerando que a bagagem acadêmica dos alunos quanto a questões ambientais e indígenas é ainda incipiente, a obtenção dessa compreensão deve-se, principalmente, às estratégias de explanação implementadas pelos Pataxó ao longo do trajeto de visitação.

A parada no viveiro de mudas de plantas é muito enriquecedora no sentido de demonstrar a diversidade de espécies utilizadas no reflorestamento contínuo da Reserva. Algumas mudas são de espécies nativas da Mata Atlântica (como o pau brasil e o jacarandá) que se encontram em risco de extinção, o que reforça a importância do trabalho que vem sendo desenvolvido pela comunidade. Observa-se, inclusive, a preocupação de produção de mudas de plantas para uso medicinal, num esforço contínuo de manutenção de um patrimônio genético culturalmente relevante para o povo.

A possibilidade de conversar diretamente com o Pajé e ter acesso a forma como ele elabora os produtos a serem utilizados com fins medicinais (chás, pomadas, cremes, dentre outros), foi determinante para a compreensão de toda esta dinâmica estabelecida pelos indígenas com relação ao uso de recursos florestais. Muitas informações foram ainda complementadas pelos monitores ao longo da caminhada pela trilha, o que potencializa o processo de compreensão dos visitantes sobre a relação indissociável entre a cultura Pataxó e seu ambiente.

Na Figura 13, os gráficos demonstram a visão dos alunos em relação à visita, englobando aspectos positivos e negativos. Como se pode perceber, parte expressiva (78%) atestou que não teve dificuldade ao percorrer a trilha (Figura 13a). Entretanto, apesar de possuir boa acessibilidade, alguns sinalizaram nas questões abertas que se trata de uma trilha estreita e com presença de raízes de árvores de grande porte, o que pode comprometer o deslocamento de visitantes com algum tipo de deficiência. Outro aspecto relevante a ser constatado por 85% dos alunos foi o fato dos monitores indígenas utilizarem uma linguagem clara em relação às informações que são repassadas, bem como o fato de que se demonstram abertos para dialogar com os visitantes, esclarecendo dúvidas e questionamentos sobre aspectos culturais e ambientais (Figura 13b).

- a) Considera que a trilha possui alguma dificuldade de locomoção?
 b) Acredita que as informações passadas pelos monitores indígenas sobre o percurso realizado foram suficientes?

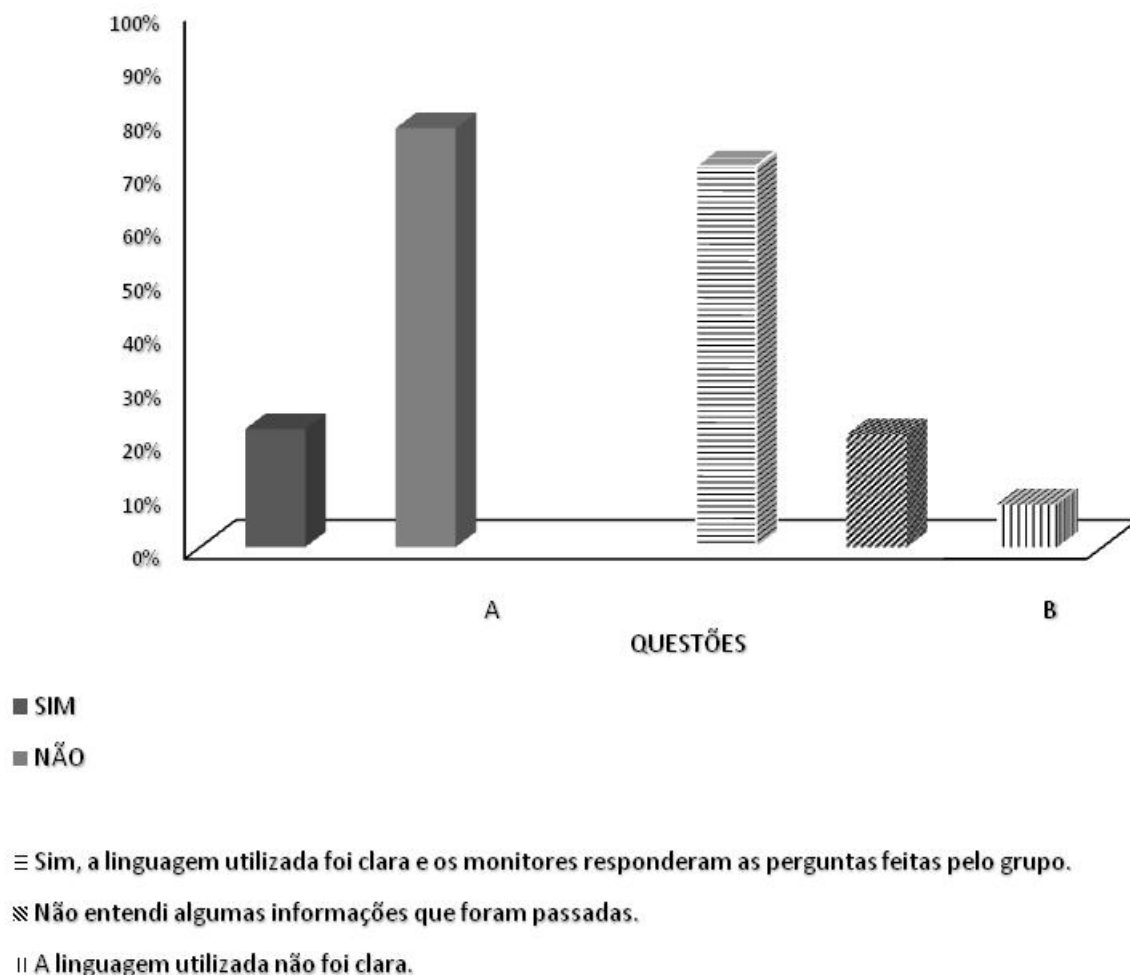


Figura 13: *Feedback* dos alunos em relação ao local visitado. Fonte: alunos do IFBA.

Como observado ao longo da análise, embora em geral os gráficos demonstrem os dados percentuais das questões fechadas, parte dos temas abordados foi complementada por questões abertas que foram utilizadas como informações adicionais para a análise. Tais espaços para uma manifestação mais livre por parte dos alunos nos permitem tecer outras informações relevantes sobre esta experiência.

Em uma das questões, por exemplo, foi solicitado que os alunos identificassem de onde vem a matéria prima utilizada pelos indígenas para a confecção das armadilhas que estão na trilha. Praticamente todos observaram que o material é extraído da própria natureza, porém de forma sustentável, o que demonstra o esforço bem sucedido da comunidade indígena em demonstrar a preocupação com o estabelecimento de uma relação mais respeitosa com a natureza.

Uma questão interessante expressa em algumas respostas dadas pelos alunos diz respeito ao grande interesse pelos aspectos culturais, gerando curiosidades em relação à vida indígena para além do que foi socializado com a experiência da visita. Alguns

relataram que gostariam de saber mais sobre os significados das pinturas corporais, das danças, das crenças em relação aos Deuses das tradições, além do interesse em saber mais sobre o que acontece quando a mulher começa a menstruar.

O desejo e a curiosidade em relação à cultura indígena é parte da motivação dos visitantes de territórios indígenas. Contudo, as atrações desenvolvidas pelos indígenas no que se refere às danças, aos trajes, aos rituais, aos hábitos e costumes são valores subjetivos de caráter espiritual e nem sempre todas as manifestações podem ser apresentadas ao público espectador (NETO, 2014). Tais situações devem ser levadas em consideração no momento de um contato intercultural, para que se estabeleça uma relação de respeito e confiança.

A visita à RPJ, por sua vez, permitiu que se estabelecesse uma comunicação direta e esclarecedora entre os alunos e a comunidade. Os diálogos realizados em todos os pontos de visita foram balizados pelas curiosidades que a todo o momento os alunos expressavam. Tal aspecto merece ser enfatizado como um dos méritos da proposta de visita na comunidade indígena, dentre tantos outros, pois o visitante se sente a vontade para interagir e participar ativamente desta experiência, seja perguntando ou vivenciando alguns aspectos da cultura, como a pintura corporal ou o uso de arco e flecha.

Tais estratégias de recepção desenvolvidas pelos indígenas da Reserva estão de acordo com o que alguns especialistas apontam como necessárias para o desenvolvimento do turismo em áreas indígenas, ou seja, o desenvolvimento de ações coletivas que fortaleçam o uso comunitário dos recursos presentes, tendo em vista que a valorização de uma cultura local pode propiciar a sua auto afirmação, identidade e melhoria das forças produtivas (NETO, 2014).

Em prosseguimento a análise de outras questões, vale destacar que, quando questionados sobre a percepção em relação a alguma influência negativa da cultura do não índio na cultura indígena, 66% dos alunos responderam que a percebem, ao passo que 34% não a identificaram. A prática do desmatamento e a poluição do ar foram pontuadas como exemplos de práticas negativas. Em relação a influência positiva do não índio para com os indígenas, 57% dos alunos relataram que existe, enquanto 43% disseram que não há. Como aspectos positivos destacaram os meios de transporte, o apoio dos movimentos relacionados à defesa das questões indígenas e a criação de escolas.

Quando perguntados se existem elementos da cultura indígena que podem ser adotados positivamente pela “cultura do não índio” e quais seriam, 81% dos alunos responderam que existem, a exemplo da maior utilização das ervas medicinais, a preservação da natureza, bem como a vivência em harmonia com as outras pessoas e com a natureza.

No que se refere à possibilidade da trilha vir a ser ainda mais atrativa para os visitantes alguns alunos sugeriram a realização de mais dinâmicas interativas para envolver os visitantes; mais informações sobre os animais que vivem na Reserva e que os visitantes utilizassem mais artefatos ligados a cultura indígena, além da pintura corporal que já é realizada.

Foi possível perceber que as atividades desenvolvidas em ambientes naturais agradam aos alunos em dois sentidos: primeiro pela presença de elementos novos (como as árvores e as plantas nativas) e, segundo, pelos aspectos revelados aos órgãos sensoriais, como o cheiro, a beleza, a cor, o canto dos pássaros e o vento. Tais sensações não poderiam surgir no contexto de uma aula tradicional e elas foram responsáveis pelo

prazer e o encantamento surgidos durante a aula de campo (SENICIATO e CAVASSAN, 2004).

Quando questionados sobre a ligação do que foi visto durante o passeio com as disciplinas que fazem parte do currículo escolar, a maioria opinou que tem ligação com praticamente todas as disciplinas, com destaque para a disciplina de História, já que a história indígena é parte de vários aspectos históricos do Brasil, como o próprio “Descobrimento” do Brasil; a disciplina de Meio Ambiente e Energia, pois foi possível observar vários elementos da natureza durante todo o passeio; e a disciplina de Educação Física devido aos trajetos realizados (caminhadas, subidas e esforços físicos).

Pela experiência vivenciada com o grupo de estudantes e pela análise do questionário, percebe-se que a visita foi muito bem recebida pelos mesmos, sendo vários os elogios quanto à iniciativa de propiciar-lhes uma oportunidade diferente de adquirir conhecimento e sugestões para que ela ocorra em novas ocasiões. Tal experiência corrobora a relatada por Silva *et al* (2012), sobre a trilha do Pororó no Rio Grande do Sul, a de que a adoção de trilhas como prática de educação ambiental tem efetivo potencial de atração de alunos, contribuindo para a compreensão e superação de problemas socioambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa ajudam a reforçar a compreensão de como determinados roteiros turísticos podem vir a ser ótimos instrumentos de educação ambiental, sendo possível aliar o turismo às perspectivas que vão além dos valores econômicos, articulando enfoques culturais e ambientais. A RPJ é um dos exemplos de como um atrativo turístico pode proporcionar a seus visitantes um repertório singular de conhecimentos.

A educação socioambiental tem sido assunto constante na sala de aula e cada vez mais presente no dia a dia da sociedade. Observando e compreendendo as agressões sofridas em nosso meio ambiente, verifica-se a importância constante de sensibilizar as pessoas sobre as formas de preservação do ambiente natural para as futuras gerações.

A visita realizada permitiu aos alunos articular diversos conhecimentos voltados à educação ambiental em integração com saberes relacionados à cultura, sociedade e ambiente. Dialogaram sobre questões como preservação da fauna e flora; discutiram as possibilidades de maior integração entre eles e a cultura indígena e observaram o que a comunidade pode incrementar para melhorar o atendimento aos visitantes. São atividades dessa natureza, que ultrapassam os muros da escola, que possibilitam aos alunos ter uma melhor percepção de que a manutenção de todas as formas de vida do planeta depende do equilíbrio entre culturas e ambiente.

Os resultados extraídos desta pesquisa reiteram o importante papel desempenhado pela Reserva como atrativo turístico/pedagógico, ao mesmo tempo em que abrem uma nova perspectiva para a possibilidade de uma atuação diferenciada para atender as demandas de formação acadêmica dos adolescentes da região. Considerando que a Reserva tem grande dependência econômica da atividade turística, caracterizada pela sazonalidade, a comunidade pode vir a pensar na possibilidade de aperfeiçoar o planejamento de visitação para atender às necessidades específicas das redes de ensino da região, o que garantiria um fluxo constante de visitação ao longo do ano. Tal estratégia

não só beneficiaria diretamente a comunidade, como atenderia, de forma ainda mais direcionada, à preparação das novas gerações com um novo olhar e comprometimento socioambiental, fundamentais para frear e reverter as consequências de destruição cultural e ambiental em curso.

Ademais, a experiência com essa pesquisa não apenas demonstra o interesse dos alunos quanto à cultura indígena, como reforça a necessidade de pensarmos em novas estratégias que favoreçam a interculturalidade em espaços externos à sala de aula. A possibilidade de diálogo efetivo entre os saberes tradicionais e acadêmicos se reveste como um instrumento privilegiado de aprendizado e valorização da diversidade e, nesse sentido, a Reserva Pataxó da Jaqueira é um importante espaço para que este desafio se concretize.

REFERÊNCIAS

BEDIM, B. P. **Trilhas Interpretativas como instrumento pedagógico para a educação biológica e ambiental: reflexões**. BioEd 2004. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro: Fiocruz/IUBS/UNESCO/LDES, 2004. Disponível em: <http://www.ldes.unige.ch/bioEd/2004/pdf/bedim.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2018.

BUCK, S.; MARIN, A. A. **Educação para pensar questões socioambientais e qualidade de vida**. Educar, Curitiba, Editora UFP. V. 25, p. 197-212, 2005.

BRASIL. **Resolução n. 2, de 15 de junho de 2012**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Diário Oficial da União, Brasília, n. 116, seção 1, p. 70, 18 jun. 2012.

_____. Ministério de Educação e Cultura (MEC). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/ealegal.pdf> Acesso em: 14 mar. 2017.

_____. Lei Federal n 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a **Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Brasília, DF. Ministério do Meio Ambiente / MEC, 1999.

_____. Lei Federal n. 11.645, de 10 de março de 2008. Dispõe sobre a obrigatoriedade do **Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena** em todos os níveis de ensino. Brasília, DF: Ministério da Educação / MEC, 2008.

_____. Ministério do Meio Ambiente / SPDS – Secretaria de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável, 2009. **Rotulagem Ambiental – Base para o programa Brasileiro**. Brasília, DF.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Diretrizes para Visitação em Unidades de Conservação**. Brasília, DF, 2006.

_____. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. **Portaria n. 326, de 15 de dezembro de 1994**. Aprova o Regimento Interno do Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA. Disponível em < www.mma.gov.br > Acesso em 10 de fev. de 2018.

_____. Ministério do Turismo. **Roteiros Brasil**. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. Brasília: 2007. Disponível em <

http://www.ibam.org.br/media/arquivos/estudos/introducao_turismo.pdf>. Acesso em: 07 de dez. 2017.

CASTRO, M. S. M. **Reserva Pataxó da Jaqueira: o passado e o presente das tradições**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade de Brasília, Brasília /DF, 2008, 137p.

CARLETTO, D. L.; ORSI, R. F., WEILER, J. M., VOLOSZIN, M. **Percepção ambiental: Uma experiência de ressignificação dos sentidos**. Revista do PPGEA/FURG – RS, 2014.

CORREA, André Micaldas. **Módulo: iniciação a Interpretação Ambiental**. 2006. Extraído de <http://www.sindegtur.org.br/2006/arquivos/a2.pdf>. Acesso em 03 jun. 2017.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIAS, A. C.; QUEIROZ, M. H. **Elaboração de trilha interpretativa na Unidade de Conservação Desterro**. In: Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, 1. Curitiba: IAP: Unilivre, 1997. v. 2, p. 429-439.

DICKMANN, I. **Contribuições do pensamento pedagógico de Paulo Freire para a educação socioambiental a partir da obra pedagogia da autonomia**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

FARIA, I. F. **Ecoturismo Indígena – Território, Sustentabilidade, Multiculturalismo: princípios para a autonomia**. Tese de Doutorado em Geografia Física – USP. São Paulo, 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, S. T. Trilhas Interpretativas: a aventura de conhecer a paisagem. **Cadernos Paisagens**. Rio Claro, Paisagem 3, n. 3, p. 39-44, mai. 1998.

LITTLE, Paul E. **Gestão Territorial em Terras Indígenas: definição de conceitos e propostas de diretrizes**. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. Relatório Final entregue à Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Naturais (SEMA-AC) / Secretaria Extraordinária dos Povos Indígenas (SEPI-AC), Agência da GTZ no Brasil (GTZ), Rio Branco / AC, 15/12/2006.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental Transformadora. In: LAYRARGUES, P. P. (Coord.). **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

MARCUZZO, B. S.; SILVEIRA, V.; LOPES, E.; MINUZZ, T. Ç. Trilhas Interpretativas, uma ferramenta eficiente para a Educação Ambiental. **Revista Educação Ambiental em Ação**. Número 51, ano XIII. 2015. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=2015> Acesso em: 28 de fev. 2018.

MARQUES, Ângela Maria Salgueiro. **Plano municipal de conservação e recuperação da Mata Atlântica de Porto Seguro - Bahia**. Salvador (BA), Grupo Ambientalista da Bahia, 2014.

METTE, G.; SILVA, J. C. D.; TOMIO, D. **Trilhas interpretativas na Mata Atlântica: uma proposta para educação ambiental na escola**; Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v. 25, jul a dez 2010. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3376>. Acesso em: 24 jun. 2015.

- NETO, D. L. **Turismo Indígena como alternativa de valorização cultural**. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.7, n.2, maio/jul 2014, pp.223-239.
- PFEIFER, F. J. *et al.* **A trilha sensitiva como prática de educação ambiental para alunos de uma escola de ensino fundamental de Palmeira das Missões-RS**. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande, v. , n. 2, p.67-84, jul. 2016.
- RODRIGUES, L. M.; TORVES, J. C. **Manual do Curso de Condutor de Trilhas e Percursos Ecológicos**. Escola de Agroturismo Sul. ASSOTUR- Associação de Turismo Estrada do Imigrante. 3 Léguas. Caxias do Sul, 2007.
- SENICIATO, T.; CAVASSAN, O. **Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em Ciências – Um estudo com alunos do ensino fundamental**. *Ciência & Educação*. v. 10, n. 01, p. 133-147, 2004.
- SILVA, M. M., AZEVEDO, L. F., SCARTON, L. P. Trilha ecológica como prática de educação ambiental. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental** REGET/UFSM, V (5), n..5, p. 705-719, 2012.
- SOUZA, A. M.; CORRÊA, M. V. M. **Turismo – Conceitos, definições e siglas**. Manaus: Ed. Valer, 2000.
- TILDEN, F. **Interpreting our heritage**. 3ª edition. North Carolina: The University of North Carolina Press, 1977, 117p.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.
- VASCONCELLOS, J. M. de O. Educação e Interpretação Ambiental em Unidades de Conservação. **Cadernos de Conservação**, ano 3, n. 4. Curitiba, PR. Fundação O Boticário de Proteção à Natureza. 2006, 86p.